

## **ALFABETIZAÇÃO DA CRIANÇA COM SÍNDROME DE DOWN**

1. ALEX SANDRO TOMAZINI  
MESTRE  
UNIVERSIDADE BRASIL  
alextomazini@bol.com.br

2. VIVIANE APARECIDA RODRIGUES DE ANDRADE  
ESPECIALISTA EM ALFABETIZAÇÃO  
FACULDADES INTEGRADAS GUARULHOS  
vivianeapandrade@hotmail.com

Este trabalho tem como objetivo, pesquisar a importância da estimulação para o desenvolvimento da criança com Síndrome de Down, e o que isso reflete para sua alfabetização futura. Para ampliar o campo de estudo, a pesquisa passou por abordagens bibliográficas. Procurou-se seguir uma sequência de fatores importantes para um melhor entendimento do tema. Iniciando com uma breve caracterização da deficiência; apresentando informações de tratamento e conceitos bibliográficos de inclusão, do contexto escolar e familiar.

**Palavras-chaves:** Inclusão. Estimulação. Alfabetização.

### **1. INTRODUÇÃO**

Apesar de suas complexidades, devido suas necessidades, a alfabetização das crianças com SD tem grandes possibilidades de evolução, por meio de experiência obtida após estimulação, construindo um novo padrão de acompanhamento, onde consigam crescer e desenvolver suas potencialidades, levando a modificações funcionais.

A preocupação tanto de pais como de profissionais sobre as perspectivas futuras da criança com Síndrome de Down é muito presente na vida das pessoas que apresenta o caso em questão. Sendo assim, pessoas próximas despertaram o

interesse sobre o assunto, uma busca de informações que é de extrema importância para os familiares e professores.

A natureza da pesquisa que se apresenta a seguir tem um caráter descritivo e para a compreensão do tema, sendo-lhe atribuída a análise qualitativa das informações, realizado a partir de pesquisa bibliográfica.

Incorporar a criança com Síndrome de Down a prática pedagógica do ensino regular é uma das propostas que faz parte da teoria da inclusão.

A Lei Brasileira de Inclusão (LEI 13.146; 2015) foi criada em 6 de julho de 2015 e entrou em vigor em 2 de janeiro de 2016, representou um grande avanço na inclusão de pessoas com deficiência na sociedade; na educação assegurou a oferta de um sistema educacional inclusivo em todos os níveis e modalidades de ensino, estabelecendo ainda a adoção de um projeto pedagógico que institucionalize o atendimento educacional especializado, com o fornecimento de profissionais de apoio.

A ideia da inclusão propõe que as crianças com necessidades especiais sejam educadas conjuntamente com as crianças comuns da forma mais semelhante, para favorecer seu desenvolvimento psíquico e físico.

## **2. OBJETIVO**

Este artigo tem como objetivo apresentar um estudo sobre a importância de estimular a criança com Síndrome de Down no meio familiar e escolar, analisando de que forma pode favorecer o seu desenvolvimento e alfabetização.

## **3. METODOLOGIA**

Para esta pesquisa, utilizaremos como metodologia o estudo bibliográfico de livros, revistas e de artigos científicos publicados na plataforma Scielo, este estudo apresenta uma abordagem teórica, com investigação que enfatiza a descrição, a teoria fundamentada e o estudo das percepções.

## **4. DESENVOLVIMENTO**

No processo de aprendizagem acreditava-se que a criança precisava de condição e pré-requisito para desenvolver a habilidade de leitura e escrita, caso contrário, considerava-se impossível a alfabetização. Ao longo desse percurso, a Alfabetização nos últimos tempos apresentou muitos problemas, surgindo muitas críticas em relação ao fracasso da alfabetização escolar; assim, faz-se necessário um reajuste das teorias e práticas que baseiam a alfabetização atual. No final do século XIX surge algo novo na Alfabetização, uma perspectiva que muda não só a forma de pensar, mas também de como se aprende, surge o Construtivismo; interligando a aprendizagem do sistema de escrita às práticas de leitura e de escrita, a interação do sujeito com práticas e materiais de leitura e escrita.

Para Mazotta (1993), construir uma educação que abranja todos os segmentos da população e cada um dos cidadãos implica uma ação baseada no princípio da não segregação, ou em outras palavras, da inclusão de todos, quaisquer que sejam suas limitações e possibilidades individuais e sociais.

Em muitos casos, muitos das crianças com síndrome de Down não estão aptas para acompanhar por longamente o ensino na escola regular, porém não devem ficar à margem do processo inclusivo, porquanto poderão demonstrar capacidades do intelecto prático (VYGOTSKY, 1997, p.129).

Desta forma, poderão desenvolver habilidades para o trabalho e desempenhar uma atividade dentro da sociedade, em condições adaptadas às suas características.

As possibilidades de desenvolvimento das pessoas com síndrome de Down é colocar em prática a construção de um mundo mais justo, buscar informações e conhecimentos que possam amenizar os processos de exclusão que se instalam em diferentes contextos sociais, ou seja, a inclusão supõe a aceitação da diversidade, do modo de ser de cada um. Portanto considerando a síndrome de Down na sociedade inclusiva como diversidade e não mais como doença, anormalidade ou inferioridade.

A síndrome Down não tem cura e nem é uma doença, e sim uma deficiência genética, mas existem tratamentos importantes para estimular e auxiliar no desenvolvimento da criança, como:

- Fisioterapia: uma forma de oferecer oportunidades adequadas para a criança aprender a interagir e explorar o ambiente com mais funcionalidade e independência.
- Terapia Ocupacional: essencial na trajetória, no processo de estimulação e desenvolvimentos infantil, denominado:

Um campo de conhecimento e de intervenção em saúde, educação e na esfera social, que reúne tecnologias orientadas para a emancipação e autonomia de pessoas que por razões ligadas a problemáticas específicas (física, sensoriais, psicológicas, mentais ou sociais) apresentem, temporária ou definitivamente, dificuldades na inserção e participação na vida social. As intervenções em Terapia Ocupacional dimensionam-se pelo uso de atividades, elemento centralizador e orientador na construção complexa e contextualizada do processo terapêutico (TERAPIA OCUPACIONAL, 2007).

- Fonoaudiologia: a intervenção do fonoaudiólogo pode reduzir a lentidão na apropriação de certas habilidades, como a aquisição da fala e da linguagem.

Rodrigues (2009, p. 173) a comunicação humana é seu objeto de estudo, e para que se desenvolva é necessário o bom funcionamento de algumas funções orgânicas (audição, equilíbrio, cognição, aquisição e desenvolvimento da linguagem), além desses fatores, na criança com síndrome de Down, o fonoaudiólogo trabalha com o desenvolvimento da fala, da fluência e da voz e na adequação das funções orofaciais (respiração, deglutição, sucção e mastigação).

- Psicopedagogia: a área que estuda o processo de aprendizagem e seus eventuais bloqueios.

Bossa (2000) considera que a estruturação da psicopedagogia como corpo de conhecimento e área de estudo interdisciplinar, cujo objeto de estudo é a aprendizagem e suas patologias, ocorreu pela necessidade de encontrar soluções para problemas de aprendizagem.

A psicopedagogia contribui no sentido de intervir na melhora das condições de ensino e aprendizagem e proporcionar aos pais e aos professores um espaço para que reflitam sobre suas práticas e revejam o papel desempenhado por eles, pois as representações, as crenças e, conseqüentemente, as atitudes em relação à criança especial estão pautadas na participação, na atuação e na intervenção dessas pessoas, que fazem parte do convívio da criança (VASCONCELOS, 2009, p. 189).

Para que haja uma melhor evolução cognitiva e social devem ser desenvolvidos “programas de estimulação desde cedo, as atividades de lazer e o

reforço familiar ao longo da escolarização representam para os pais um reforço pessoal muito considerável” (COLL. et al, 2004, p. 3).

Micheletto (2009), diz que um acompanhamento psicológico propiciara aos membros da família uma sensação de segurança.

Contudo, percebe-se que é necessário um acompanhamento psicológico e programa de estimulação, que assim inseridos no âmbito familiar, a família e a criança sentem-se apoiados e informados sobre as possibilidades; para que conseqüentemente resultem em efeitos positivos com relação à evolução da capacidade da criança e na interação dos familiares com as mesmas.

Segundo Pueschel (2007) a sequência de desenvolvimento da criança com síndrome de down geralmente é bastante semelhante a da criança sem a síndrome, e as etapas de aprendizagem são os grandes marcos atingido, embora em um ritmo mais lento.

Essa demora para adquirir determinadas habilidades, é um dos motivos prejudicial para expectativas que a família e a sociedade tenham em relação ao portador de SD. Durante anos eram privados de experiências fundamentais para seu desenvolvimento, considerados incapazes. Atualmente, já é comprovado que as crianças e jovens com SD são capazes de alcançar estágios muito mais avançados de raciocínio e desenvolvimento, e os estímulos como um todo, possibilita tais coisas se tornarem possíveis.

A estimulação segundo Silva (1996) é toda atividade que fortaleça e enriqueça o desenvolvimento físico, mental e social da criança. É a integração constante da criança desde que nasce, a fim de que possa alcançar um desenvolvimento pleno e integral.

A estimulação essencial deve ser vista como uma estimulação básica, capaz de oferecer à criança as condições necessárias (essenciais) para atingir o pleno desenvolvimento de suas capacidades.

A estimulação essencial requer não somente uma comunicação constante, atenta e efetiva com a criança ao longo do seu desenvolvimento, como também um ambiente rico em estímulos perceptivos, que ofereça contato com cores, sons e texturas variadas, propiciando o desenvolvimento das habilidades motoras (SILVA, 1996, p. 7).

É através da estimulação que a criança ampliará sua aprendizagem. Dessa forma, esta deve ser sistematizada e planejada, na qual o profissional tem como tarefa principal “tratar” e “exigir” da criança, principalmente da com síndrome de down, somente o que estiver dentro de suas possibilidades, escolhendo recursos facilitadores, para que ela possa sentir-se mais segura (BOMFIM, 1996).

Para Pueschel (2007), as pessoas com maiores habilidades na linguagem podem comunicar melhor seus sentimentos, desejos e pensamentos. Pois ela representa um dos aspectos mais importantes a ser desenvolvido por qualquer criança, permitindo se relacionar com as demais pessoas e integrar-se no meio social.

Assim como a criança, o jovem e também o adulto com síndrome de Down, possuem dificuldades variadas no desenvolvimento da linguagem, pois é importante estar atento a este fato desde o primeiro contato com a família; quanto antes for criado um ambiente propício para favorecer a linguagem, melhor será o futuro.

Assim como os pais, os professores também devem ser orientados pelos profissionais capacitados, na elaboração e aplicação de um programa para promover o desenvolvimento da linguagem como: criar um ambiente favorável e estimulador, prestar atenção quando a criança inicia um diálogo aguardar as solicitações, não antecipar suas vontades, nunca falar pela criança e nem deixar que outros falem por ela, criar situações inesperadas que provoquem reações; fornecer um relacionamento emocional saudável com a criança, relatar o nível de desenvolvimento, orientado a manutenção do diálogo. Garantindo um desenvolvimento global (motor, cognitivo, social e emocional); criar um ambiente propício para socialização, incentivando as iniciativas, as amizades, os relacionamentos com diferentes pessoas, observando as características individuais e atendendo as necessidades específicas, ajudando a se comunicar e a ver a linguagem como forma facilitadora para a realização de seus desejos e expressão de seus sentidos.

Para que aconteça uma situação de aprendizado mediada, aumentando o nível de interesse, atenção e habilidade da criança com SD, são necessárias estratégias específicas, técnicas que contribuem satisfatoriamente para o desenvolvimento inicial da criança (PUESCHEL, 2007). Tais estratégias podem ser

utilizadas nas situações diárias da criança por pais e profissionais envolvidos com ela, podendo enriquecer muito o trabalho de profissionais como fisioterapeutas, fonoaudiólogos, terapeutas ocupacionais, psicólogos, pedagogos e professores de educação física (DALLA, p. 120).

Soares (2004) afirma que o termo alfabetização está vinculado às práticas educacionais voltadas para o ensino da leitura e da escrita, sendo dada especial ênfase ao seu caráter representacional. O letramento, por sua vez, seria um processo mais amplo que torna o indivíduo capaz de utilizar a escrita de forma deliberada nas situações sociais. Nas palavras da autora, letramento é o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever: o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita (SOARES, 2001, p. 18). Em outras palavras a alfabetização só tem sentido quando é desenvolvida por meio das práticas sociais de leitura e escrita, por sua vez o letramento se desenvolve por meio da aprendizagem do sistema de escrita. Sendo assim, processos indissociáveis e interdependentes.

Para alfabetizar letrando ou letrar alfabetizando, a criança constrói seu conhecimento do sistema alfabético e ortográfico da língua escrita, em situações de letramento por meio de interação com material escrito real, e de sua participação em práticas sociais de leitura e de escrita.

De acordo com Soares (2001), alfabetizar e letrar são ações distintas, mas que a escola deveria alfabetizar letrando, de maneira a ensinar a ler e escrever no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita, para que o indivíduo se tornasse tanto alfabetizado como letrado. Essa concepção é aceita por outros estudiosos que afirmam que a escola não deveria nem negligenciar o domínio do sistema de escrita, nem tampouco descontextualizar a escrita de seus usos sociais (Albuquerque, 2005; Moraes & Albuquerque, 2007; Santos, 2005). Para que isso ocorra a escola antes de tudo tem que ser inclusiva, para que a aprendizagem da criança com SD possa ocorrer significativamente.

As adaptações curriculares, de modo geral, envolvem modificações organizativas, nos objetivos e conteúdos nas metodologias e na organização didática, na organização do tempo e na filosofia e estratégias de avaliação,

permitindo o atendimento às necessidades educativas de todos os alunos, em relação à construção do conhecimento(OLIVEIRA; MACHADO, 2007, p. 36).

Ou seja, a inclusão provoca mudanças, sendo necessário a adaptação dos currículos escolares para atender de forma adequada e significativa; afim de atender as necessidades particulares dos alunos, apontando oportunidades iguais para todos os educandos, dando chances educacionais formais e sociais para alunos com Síndrome de Down, em outras palavras; abrindo caminhos.

As pessoas com Síndrome de Down, geralmente possuem diversos transtornos, tornando o aprendizado mais lento. Essa maioria sofre uma perda significativa da audição e da visão, dificuldades de concentração, fatores esses que dificultam bastante o seu processo de alfabetização. Além disso, sabe-se que muitas crianças ainda possuem hipotonia (flacidez muscular), que acaba dificultando o desenvolvimento da coordenação motora fina e grossa do aluno. O processo de alfabetização do aluno com a SD não é uma tarefa fácil, assim como também não é para qualquer um. Para alfabetizar esse aluno, faz-se necessário um professor com formação profissional de qualidade que venha trazer benefícios ao aluno de forma que este possa desenvolver sua cognição de forma global.

Para Ferreiro e Teberoski (1991), o processo de alfabetização é vagarosa e o aprendiz observa, interioriza conceitos, duvida deles, reelabora, até que chega ao código alfabético utilizado pelo adulto. É com esse código que o aluno passa a desenvolver a consciência entre pensamento e linguagem, e a partir daí é que passa a fazer uso da escrita. O aluno para ser alfabetizado precisa entender a relação que tem entre oralidade e escrita, além de conhecer as regras da escrita.

A alfabetização do aluno com SD deve ocorrer de forma progressiva, pois muitos fatores contribuem para que esse progresso seja eficaz ou precário. Sendo assim, quando o aluno entra na escola, o que deve ser estimulado primeiro é o desenvolvimento da oralidade e o convívio social para facilitar posteriormente a construção do simbólico. Com essa integração, a criança começa a perceber a importância de meios que facilitem a sua comunicação com as pessoas ao seu redor.

Troncoso (1998) afirma que: Pessoas com SD têm a atenção, percepção e a memória visuais como pontos fortes e que se desenvolvem com um trabalho sistemático e bem estruturado. Porém, se verificam dificuldades importantes na percepção e memória auditivas, que com freqüências e agravam por problemas de audição agudos ou crônicos. Por essa razão, a utilização de métodos de aprendizagem que tenham um apoio forte na informação verbal, na audição e interpretação de sons, palavras e frases, não é muito eficaz. (TRONCOSO, 1998, p. 70).

No processo de alfabetização do aluno com SD, é importante que o aluno comece compreender a importância da escrita. Sendo assim, faz-se necessário o estímulo visual de palavras com significados para o aluno. Partindo desse pressuposto, deve-se trabalhar com nomes do aluno, familiares e objetos de seu cotidiano para que gradativamente o aluno seja alfabetizado.

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O presente artigo teve por objetivo analisar de que forma a estimulação pode favorecer o desenvolvimento da criança com Síndrome de Down, questionando a importância que tal estimulação tem no contexto familiar e escolar. Para uma melhor compreensão deste nosso relato, questões aqui levantadas, tais como a causa e origem da síndrome de Down, e os déficits do indivíduo não são, para este autor, em absoluto supervalorizadas. Servem apenas como referencial, isto porque primou-se neste estudo, entre outros, pela eliminação de rótulos e preconceitos, dando-se maior importância a valorização humana.. Procurou-se também vislumbrar a superação de que a criança com síndrome de Down não é capaz de progredir, é importante acrescentar as patologias dos portadores da referida Síndrome; porém com a intervenção em todos os aspectos, tanto médica, familiar e educacional, será possível desenvolver suas capacidades.

O conhecimento teórico é de suma importância, pois contribuem e permitem ao professor fundamentar suas ações, a falta destes conhecimentos limita as mudanças, barrando o papel que a criança portadora da síndrome pode representar

tanto na escola como na sociedade. Deve ser considerados limites, além da pedagogia, para conhecer as dificuldades do processo de ensino aprendizagem das pessoas com síndrome de down é necessário a ciência médica, psicológica, sociológica; tendo acesso a outros profissionais, como fonoaudiólogo e fisioterapeutas, as contribuições serão significativas para o professor agir, com o decorrer do tempo que os profissionais convivem e adquirem maiores informações sobre a condição especial do portador de síndrome de Down, maior é a chance de aceitá-los, por isso a inclusão é tão importante; para que o resultado seja positivo com avanços e o rompimento da barreira que as pessoas com Síndrome de Down enfrentam, como "anormais" ou "dignos de pena". Embora o aluno com SD tenha a construção do conhecimento mais lenta, é importante saber que ele o tem interesses e manifestações similares aos de qualquer outra criança. Todas as crianças são diferentes umas das outras e por essa razão todas possuem necessidades diferentes, pois possuem estilo e ritmo de aprendizagens diferentes uns dos outros.

Enfim, a importância da estimulação se dá pela grande necessidade da criança de vivenciar experiências permitiram seu desenvolvimento, respeitando suas deficiências e explorando suas habilidades. Tal estudo permitira familiares e professores aumentarem suas possibilidades de observação, intervindo e aprimorando a aprendizagem das crianças que tem dificuldades como qualquer outra pessoa, que também são capazes de vencer suas dificuldades e se desenvolverem.

## **6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BRASIL. Congresso Nacional. Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência Estatuto da Pessoa com Deficiência. **Lei nº 13.146 de 6 de julho de 2015**. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br/2018/2015/lei/l13146.htm> Acesso em: 4 jun. 2018.

PUESCHEL, Siegfried M. **Síndrome de Down**: Guia para pais e educadores. 12. ed. Campinas: Papirus, 2007.

DALLA DÉA, Vanessa H. S. **Síndrome de Down**: Informações, caminhos e histórias de amor. 1. ed. São Paulo: Phort, 2009.

LIMA, Ana Cristina D. R. **Síndrome de Down** e as práticas pedagógicas. 1. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

NADUR, Marcelo. **Síndrome de Down**: Relato de um Pai Apaixonado. 1. ed. São Paulo: Gaia, 2012.

SCHWARTZMAN, José S. **Síndrome de Down**. 2. ed. São Paulo: Memnon, 2003.

MINETTO, Maria de Fátima. **Currículo na educação inclusiva**: entendendo esse desafio: 2. ed. rev. atual. ampl. Curitiba: Ibpex, 2008.

GUEBERT, Miriam Célia Castellain. **Inclusão**: uma realidade em discussão. 2. ed. Curitiba: Ibpex, 2007.

MURPHY, Ann. Criando um filho portador de deficiência. In: PUESCHEL, Siegfried. et al. **Síndrome de Down: guia para pais e educadores**. 12. ed. Campinas: Papirus, 2007. cap. 3, p. 33-44. Disponível em: <<http://books.google.com.br/books>>. Acesso em: 4 jun. 2018.

CRUZ, O. O trabalho de campo como descoberta e criação. In: MINAYO, Maria Cecília S. et al. **Pesquisa social: teórica, prática e criatividade**. 23. ed. Petrópolis, RJ: VOZES, 1994.

LERVOLINO, S. A. **Estudadas percepções, sentimentos e concepções para entender o luto de familiares de portadores da síndrome de down**. Tese (Doutorado em Departamento de saúde pública da FSP) – Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2005.

MAZZOTTA, Marcos José S. **Inclusão e integração ou chaves da vida humana**. Disponível

em: <[http://www.educacaoonline.pro.br/index.php?option=com\\_content&view=article](http://www.educacaoonline.pro.br/index.php?option=com_content&view=article)

[&catid=6%3Aeducacao-inclusiva&id=96%3Ainclusao-e-integracao-ou-chaves-da-vida-humana&Itemid=17](#)>Acesso em: 4 jun. 2018.

DALLA DÉA, Vanessa H. S. **Síndrome de Down: Informações, caminhos e historias de amor**. 1. ed. São Paulo: Phort, 2009.

RODRIGUES, Livia. Fonoaudiologia. In: DALLA DÉA, Vanessa H. S.et al. **Síndrome de Down: informações, caminhos e historias de amor**. 1. ed. São Paulo: Phort, 2009.

VASCONCELOS, Nathalia. Psicopedagogia. In: DALLA DÉA, Vanessa H. S.et al. **Síndrome de Down: informações, caminhos e historias de amor**. 1. ed. São Paulo: Phort, 2009.

BOSSA, N. A. **Psicopedagogia do Brasil**. 2. Ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 200.

DANIELSKI, V. **A Síndrome de Down: uma contribuição a habilitação da criança**. 2. ed. São Paulo: Ave Maria, 2001

BONFIM, R. V. A Educação Física e a criança com Síndrome de Down. **Rev. Sprint Magazine**, jan/fev. 1996.

WERNECK, C. **Muito prazer, eu existo: um livro sobre as pessoas com Síndrome de Down**. Rio de Janeiro:WVA, 1995.

COLLARES, Liane Martins. **Liane: mulher como todas**. Rio de Janeiro: WVA, 2004.

VOIVODIC, Maria Antonieta M. A. **Inclusão escolar de crianças com Síndrome de Down**. 2.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004

VYGOSTKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

VYGOTSKI, Lev Seminóvic. Obras Escogidas. **Fundamentos de Defectologia**. Madrid: Visor, 1997.

COLL, César. **Desenvolvimento Psicológico da Educação: Transtornos do Desenvolvimento e Necessidades Educativas Especiais**. Porto Alegre: ArtMed, 2004.

KROMINSKI, A. A. G. **Contribuição de um programa de atividades físicas e recreativas para o desenvolvimento do equilíbrio dinâmico em portadores de Síndrome de Down.** 1996. Monografia (Departamento de Educação Física) - Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 1996.

MASUZAKI, Paulo S. A. **A contribuição da Educação Física para pessoa com retardo mental.** 1995. Monografia (Departamento de Educação Física) - Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 1995.

Tfouni, L. V. (1995). **Letramento e alfabetização.** São Paulo, SP: Cortez.

Soares, M. B. (2001). **Letramento: Um tema em três gêneros.** Belo Horizonte, MG: Autêntica

Soares, M. B. (2004). **Letramento e alfabetização: As muitas facetas.** Revista Brasileira de Educação, 25, 5-17

GIL, M. (Coord.) **Educação Inclusiva: o que o professor tem a ver com isso.** Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2005.

OLIVEIRA, E; MACHADO, K. S. **Adaptações curriculares: caminho para uma educação inclusiva** In: GLAT, R. (org.) Educação Inclusiva: cultura e cotidiano escolar. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2007.

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita.** 4ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

TRONCOSO, Maria Victoria e Del Cerro, Maria Mercedes. **Síndrome de Down: Leitura e Escrita** - Cantabria, Espanha. Masson S.A. - 1998.